

As bases fascistas da cruzada histórica contra a cultura

RENATO NUNES BITTENCOURT*

Resumo

O artigo aborda de que maneira as disposições reacionárias de segmentos obscurantistas da sociedade brasileira são refratárias aos conceitos e representações que supostamente se imputam como imorais na dinâmica cultural nacional em decorrência de sua contraposição estética e intelectual aos parâmetros conservadores defendidos por esses segmentos filisteus e intelectualmente tacanhos.

Palavras-chave: Reacionarismo; Truculência; Cultura; Arte.



* **RENATO NUNES BITTENCOURT** é Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ; professor da FACC-UFRJ.

Desconfiai de todos aqueles que falam bastante de sua justiça! Na verdade, em sua alma não falta apenas mel. E, quando eles se denominam “os bons e justos”, não esqueçais que para fariseus nada lhes falta senão – poder!
(NIETZSCHE, 2011, p. 96).



Introdução

A hegemonia temerária no cenário político brasileiro e seu característico mandato antidemocrático e antirrepublicano revitalizou disposições reacionárias relativamente recalcadas em nossa estruturação social, dando-lhes autonomia para a realização das suas práticas filisteias contra as expressões culturais caracteristicamente críticas e subversivas em relação ao tradicionalismo do status quo. Organizações obscurantistas como Escola sem Partido ou Movimento Brasil Livre (i. é, Movimento Brasil Cativo) se arrogam defensoras da pureza educacional contra as apregoadas práticas de “doutrinação ideológica” e da liberdade mercadológica perante a pretensa

opressão do regime estatal e encontram respaldo para suas sandices em diversos segmentos sociais brasileiros, imbecilizados pelo ódio contra o progressismo cultural que, a rigor, não é apenas uma disposição da esquerda, mas de qualquer pessoa ou grupo que prime pela emancipação intelectual e autonomia de pensamento em sua participação social. As atividades artísticas e culturais brasileiras, que ao longo de nossa história nacional lutaram arduamente para conquistar espaço aberto para a realização das suas performances contra diversas formas de censura correm o risco de sofrer sua total adequação ao crivo ideológico da moral reacionária para que possam talvez subsistir nesses tempos sombrios.

Discursos filosóficos, teorias científicas ou práticas artísticas que não agradem ao tacanho espírito filisteu do macarthismo brasileiro são atirados ao julgamento histórico de segmentos sociais catequizados pela doutrina da imbecilidade fascista, estimulando as seguintes reflexões nos setores culturais progressistas: como lidar com o irracionalismo fascista e sua glorificação da ignorância? Será que o letramento e o refinamento cultural são instâncias capazes de educar um sectário da barbárie intelectual? Uma resposta virulenta diria que não, pois o melhor seria enviar essa massa acéfala para um gulag. Contudo, por acreditarmos no poder emancipador da educação, não podemos aceitar tal opção extrema e devemos lutar para que essas pessoas recebam meios efetivos de transformação pessoal através do conhecimento, eliminando essas disposições reacionárias contrárias ao espírito democrático.

A destruição da cultura pela truculência fascista

A mentalidade fascista é avessa ao conhecimento e qualquer expressão da criatividade cultural. Ao fazer da ignorância sua virtude fundamental, o fascista não esconde o seu empenho em transformar a realidade um espelho do seu próprio silêncio e de seu vazio interior, um triste mundo de solidão na qual toda expressão da divergência deve ser eliminada para não ameaçar o conforto de sua própria mediocridade. O sonho do fascista é erigir sua casa em solo de cemitério, suprimir qualquer som que expresse a vida em sua potência expressiva, respirar o ar nauseabundo dos corpos apodrecidos e impedir que a luz solar resplandeça para que as sombras o acompanhem sempre. O fascista é irmanado com a morte e quer escamotear sua própria impotência

vital através da necrose geral do mundo. De acordo com Wilhelm Reich,

O fascismo, na sua forma mais pura, é o somatório de todas as reações irracionais do caráter do homem médio [...] A mentalidade fascista é a mentalidade do Zé Ninguém, que é subjugado, sedento de autoridade e, ao mesmo tempo, revoltado (REICH, 2001, p. 18-19).

O fascista expressa a tacanhez da consciência unidimensional, cada vez mais autocentrada em uma excludente e rígida lógica de identidade. Sempre a diferença será a inimiga mortal que deverá ser aniquilada para que o “Bem” e a “Verdade” prevaleçam. Conforme dito por Wilhelm Reich (1982, p. 61), “o destino de toda a aquisição cultural importante, firmada na prevalência da verdade sobre a segurança, é o de ser avidamente devorada e em seguida expelida pelo homem comum”.

A despeito do que é apregoado no senso comum, gosto se discute, não em vista de um consenso, pois a contradição é extremamente relevante para a ampliação da pluralidade de ideias e para o aprimoramento do conhecimento. Nem toda experiência artística é criada visando chocar o espectador/receptor (inclusive através do uso de artifícios sensacionalistas), mas quando um estofado consistente no ato da provocação, isso é fundamental para que a atividade artística chacoalhe a percepção do receptor. O discurso técnico dificilmente consegue realizar esse efeito, pois a lógica racional, precisa e objetiva, não alcança alguns segmentos humanos mais afeitos ao âmbito sensível, ao intensivo, ao estético. A arte ocupa esse espaço, pois apresenta o sentido da realidade sem a mediação conceitual. Marcuse (1986, p. 79) salienta que “a arte combate a reificação fazendo falar, cantar e talvez dançar a palavra petrificada”. O humor também

consegue efeito similar, pois aborda de maneira irônica problemas sociopolíticos de uma maneira que estimula ao receptor a tomada de consciência de uma situação aflitiva (*ridendo dicere verum*). Por isso uma sociedade esclarecida não poupa recursos para que a inteligência criativa encontre meios para expressar suas atividades na sociedade.

Há pessoas que são refratárias a qualquer possibilidade de diálogo, que aprioristicamente negam a comunicação, base da sociabilidade humana. Impondo ao mundo sua verdade dogmática que não aceita qualquer questionamento, essa tipologia humana evidencia sua dificuldade de viver em condições democráticas. Concepções, ideias e projetos culturais que pretensamente violem seus parâmetros axiológicos são dignos de vituperações. Mais do que nunca o palavreado popular “não vi e não gostei” (e suas expressões afins) apresenta sua pertinência retórica. O ignorante que se jacta de sua própria ignorância não ousa saber e se mantém estático em sua concepção crítica da realidade, demonstrando aversão aos livros, obras, performances e quaisquer criações culturais que porventura apresentem perspectivas intelectuais contrárias ao seu rígido plano ideológico.

O vírus macarthista ressurge na onda reacionária como uma nova caça às bruxas que elege os inimigos públicos primordiais que devem ser silenciados e eliminados em nome da ordem social. Eis a grande cena dantesca: muitos analfabetos funcionais completamente distanciados das atividades literárias estão disfarçados como bons burgueses que se empenham pela consolidação daquilo que consideram como a essência da moralidade pública e para

tanto vislumbrar retirar dos livros e dos projetos educacionais quaisquer conteúdos imputados como “impróprios” para a formação correta do “cidadão de bem”. Essa canalhada obtusa se caracteriza pelo parco letramento e pela vulgaridade do seu nível de pensamento, preocupado em especial apenas com a satisfação imediata das suas necessidades fisiológicas, pois desprovida de genuíno senso de transcendência e de superação pessoal das suas limitações concretas. Por conseguinte, qualquer empreendimento cultural, performance artística ou ideia que apresente um teor revolucionário/inovador/contestador/provocador causa um profundo choque na consciência feliz do homem-médio, despertando-lhe ódio febril perante tamanha “iniquidade”. Sua revolta contra a axiologia da diferença nasce de sua própria impotência interior em forjar um modo de vida florescente, afirmativo e, para escamotear sua indigência pessoal, o homem-médio transfere para os violadores do senso comum o seu ódio difuso e ressentido, inclusive clamando pelo fogo divino ou mesmo pelas armas de fogo para suprimir essas atividades transgressoras. Felizmente o fogo divino não atende as demandas insanas dessa chusma reacionária. Contudo, o grande perigo social no recrudescimento do fascismo é justamente o autoritarismo dos loucos que se julgam os donos da verdade e da justiça e que não hesitam em matar para realizar o projeto sociopolítico que imputam como conveniente aos seus propósitos criminosos.

Sociedades esclarecidas debatem sem temor os tabus, os temas imputados como polêmicos, pois tais exercícios públicos são fundamentais para o progresso cultural das pessoas em sua vida cotidiana. Por sua vez, sociedades obscurantistas, repressoras, recalçadas,

de uma estética kitsch que representa o imobilismo, a placidez, o mutismo e a apatia da sociedade, de modo a se criar um falso consenso de harmonia política. Toda expressão artística contestatória que chacoalhe o senso comum é vituperada pela ideologia direitista como “pedófila”, “terrorista”, “comunista” e outras doentias confusões semânticas decorrentes do avançado estado de demência mental dessa horda bruta de imbecis que se apropria de todos os espaços disponíveis para despejar sua cloaca antissocial. Um esteta forja a sua sensibilidade artística e seu conhecimento durante anos, e jamais encontra quietude em sua trajetória. O filisteu que se considera detentor do critério de validade da obra de arte geralmente detém uma má educação estética, mas usualmente ousa enunciar discursos tacanhos sobre a criatividade artística e, tanto pior, encontra respaldo na legião de imbecis que o seguem.

Melhor um conservador inteligente do que um conservador estúpido: o primeiro se pauta pelo debate sofisticado, pela racionalidade, ainda que suas ideias sejam contrárias ao pluralismo social; o segundo não hesita em enunciar discursos virulentos, odiosos, violadores da dignidade humana. Em um contexto democrático ideal é possível que convivam toleravelmente pessoas com perspectivas axiológicas divergentes sem que partam para a agressividade todas as vezes em que suas próprias opiniões são contraditas pelo interlocutor oponente. Na hegemonia reacionária essa tolerância é extinta em nome de um dogmatismo discursivo atrelado a um moralismo doentio que não apenas odeia a opinião divergente como também se esforça por todos os meios em silenciá-la, inclusive através de métodos violentos. Se o conservador

tradicional era dotado de um intelecto apurado, o conservador rebaixado ao nível do reacionário de traços autoritários e fascistas só emite discursos confusos, conspiratórios, histriônicos, pois sua inteligência se encontra abaixo de qualquer nível de civilidade.

O fascista chafurda no veneno do ressentimento, que se caracteriza pela dificuldade fisiológica em assimilar as vivências desagradáveis que atormentam a consciência sofredora e clamam por vingança inapelável contra o inimigo. O ressentido necessita sempre de um contraponto externo ao seu eu para imputar a culpa por sua própria miséria pessoal. É o judeu, o vermelho, o barbudo, o negro, o homossexual. O fascista original acreditava no mito da unidade nacional e da solidariedade entre seus iguais em nome do fortalecimento de sua causa. O fascista reconfigurado na dita modernidade líquida apresenta características peculiares. Incapaz de estabelecer interações pautadas pelo reconhecimento da alteridade, o fascista devoto da normatividade do mercado e sectário da terapia de choque neoliberal se configura psicologicamente e ideologicamente como um sujeito autocentrado, decorrendo daí sua contumaz ausência de senso de solidariedade social. Para satisfazer os seus desejos de gozo, o neofascista não hesita em destruir as organizações públicas para que encontre espaço livre para expressão de seu egoísmo e de seu narcisismo, que no fundo apenas espelha sua mediocridade essencial. O neofascista exige a morte dos indigentes (massa desnecessária), dos marginalizados (criminalização da pobreza, onde os delitos dos despossuídos é punido com mais rigor do que os praticados pelos plutocratas). Aliás, a revolta do fascista neoliberal

contra a criminalidade é seletiva, apenas é direcionada para os oriundos das classes subalternas ou contra os atos ímprobos de partidos imputados como “comunistas”. Os crimes cometidos por seus distintos membros não são considerados crimes, mas atos de justiça, atos legais. Tamanha insanidade e hipocrisia mascara os verdadeiros interesses das hordas fascistas, que é o de promover a necrofilia como método de purificação social, daí a sua apregoada palavra de ordem “bandido bom é bandido morto”, sendo que os “bandidos” mais perigosos para a administração social são os plutocratas, e esses geralmente são tratados com leniência, indultados não apenas pelo poder judiciário, mas também por diversos segmentos da opinião pública, que no fundo se reconhece admiravelmente nos atos corruptos dessa elite rapinante.

O fascista depende da mitificação para sustentar suas ações, pois não encontra na concretude real qualquer fundamento sólido para se orientar positivamente. Com efeito, o fascismo, como processo político irracional, se funda na mitificação da consciência, onde apelamos para uma dimensão irreal da sociedade em prol da construção de mitos fundadores (Sangue Nacional, Espírito do Povo, Espaço Vital), que nada mais são do que ideologias (falsas representações da realidade), que mascaram as contradições sociais. O fascista faz de sua existência a apologia da passividade, da paralisia das forças vitais, pois faz do mundo um espelho de sua própria miséria interior. Daí seu reacionarismo, sua aversão aos signos da diferença, pois odeia todas as expressões axiológicas que não coadunam com sua pobreza de espírito.

O irracionalismo e o reacionarismo sempre existiram, mas em algumas

épocas nas quais a esfera pública apresentava disposições mais esclarecidas e democráticas esses elementos foram razoavelmente silenciados. O advento da Internet e das redes sociais favoreceu uma maior participação popular nos processos comunicacionais, horizontalizando tais fluxos, outrora hegemonicamente controlados pelas grandes corporações midiáticas. Contudo, o maior espaço proporcionado pela virtualização para a difusão de informações, por permitir que qualquer pessoa expresse suas ideias e opiniões, inevitavelmente traz em seu bojo as hordas truculentas que dão vazão aos seus impropérios e vilanias sem qualquer vergonha. Muitos desses sujeitos recalcam na sociabilidade concreta suas misérias axiológicas, mas na privacidade e na segurança da realidade virtual encontram uma ágora para a difusão das suas escórias. Grande parte da imbecilidade que acredita conseguir se esconder nas malhas do virtual é covarde e incapaz de enunciar abertamente suas opiniões estúpidas, pois teme sofrer represálias na carne dos seus contraditores. O espírito de publicidade concreta da difusão de ideias é assim suprimido pelas tendências pusilânimes dos rabugentos virtualizados.

O fascista é intrinsecamente incapaz de estabelecer qualquer valoração estética pois a truculência e a brutalidade são seus traços interiores que embotam sua sensibilidade e lhe retiram assim o refinamento do gosto necessário para fruir conveniente o teor da obra da arte. Por conseguinte, suas virulentas objeções moralistas ao que considera como “arte degenerada” ou, tanto pior, como algo que não é arte, são, a rigor, desprovidas de qualquer validade. No entanto, por sua vociferação animalesca perante a intensidade de obras artísticas

nas quais reconhece um potencial subversivo capaz de abalar a moral e os bons costumes, o fascista comumente se impõe como avaliador estético que, na era da indignação política, granjeia adesões dos moralistas e dos filisteus hipócritas. Em uma perspectiva da razoabilidade, é evidente que existem performances artísticas que são de mau gosto e, exceto as que atentam efetivamente contra a dignidade humana ou que violentam animais, nada justifica que se emprenda esforços para se cercear as atividades artísticas, tal como o irracionalismo fascista faz de maneira tão contumaz em seus atos insanos.

Considerações finais

Em tempos de indignação política, a potência da criação artística é um dos baluartes da luta emancipatória contra a barbárie. Em uma sociedade emancipada e esclarecida teríamos mais escolas, mais universidades, mais cinemas, mais teatros, mais livrarias, mais bibliotecas, mais centros de pesquisa, mais eventos culturais, mais cafés filosóficos e menos templos religiosos farisaicos que em verdade são agências de capitalização da fé dos pobres de espírito. Em enaltecimento ao espírito boêmio, destaco que também seria melhor que existissem mais botecos do que igrejas onde fanáticos se reúnem para doar suas finanças para a rapacidade dos pastores inescrupulosos. Há mais arte, inovação e elevação do espírito humano nas conversas e nas atividades culturais dos bares do que em igrejas desprovidas de verdadeiro fundamento sagrado.

Para a arte e para a cultura, o primordial é a qualidade, mas a consolidação de um projeto de esclarecimento intelectual do ser humano exige que os espaços sociais sejam progressivamente apropriados por atividades que promovam a fruição estética, o

letramento, a educação crítica e o desenvolvimento científico em suas diversas segmentações. A consolidação desse empreendimento ajudaria muitíssimo na superação do obscurantismo ignorante dos segmentos reacionários da sociedade que colocam a moralidade hipócrita acima da engenhosidade humana. Uma sociedade educada ao ato artístico e ao empreendimento científico paulatinamente rechaçaria sem dó a decadência estúpida dos grupos tenebrosos que prezam pela truculência política e pela miséria ideológica. Quando exposições artísticas ou palestras são impedidas por massas furibundas vemos a serpente do fascismo chocar seu ovo pestilento. Todavia, esse é um trabalho demorado, que talvez apenas gerações vindouras, imbuídas de disposições progressistas, consigam efetivar. Conforme dito anteriormente, de fato existem obras artísticas de baixa qualidade estética, mas o mundo fica melhor com elas do que sem elas. Sou um grande crítico da Indústria Cultural, mas mesmo suas produções comerciais são mais convenientes para o progresso humano do que a hegemonia teológico-política que os partidos reacionários pautados no fundamentalismo religioso pretendem impor ao todo social de maneira autoritária. Um movimento libertário pela democratização social da cultura pode de maneira muito oportuna e conveniente se aliar taticamente aos produtores da Indústria Cultural na sua luta contra a barbárie obscurantista. Segmentos religiosos pautados pela tolerância e pelo compromisso com a dignidade humana são também aliados nesse processo de superação do obscurantismo social tão querido pelos necrófilos. O mesmo não se aplica aos centros de espoliação religiosa do povo, bancos de rapinagem da credence alheia.

Precisamos assim resgatar o fundamento filosófico do iluminismo (ele mesmo atemporal), presente em toda pessoa que faz do discernimento, da racionalidade crítica, da investigação e do empreendedorismo cultural o eixo de sua existência, em comunhão com todos aqueles que anseiam forjar no mundo um modo esclarecido de pensar e de viver, sem superstições, sem ressentimentos, sem o veneno do ódio político e da intolerância mesquinha.

Referências

MARCUSE, Herbert. **A dimensão estética**. Trad. de Maria Elisabete Costa. Lisboa: Ed. 70, 1986.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ORTEGA Y GASSET, José. **A Rebelião das Massas**. Trad. de Artur Guerra. Lisboa: Relógio d'Água, 1998.

REICH, Wilhelm. **Escuta, Zé Ninguém!** Trad. de Maria de Fátima Bivar. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

_____. **Psicologia de Massas do Fascismo**. Trad. de Maria da Graça M. Macedo. São Paulo: Martins Fontes, 2001.